

PAULA DE FREITAS - 021-21-5126402  
DE SONIA SACZSTEIN - 011-2806169

"Território vazado"  
Museu de Arte da Pampulha  
junho-julho de 1999

*Iole, ainda o processo  
logico como vivencia  
neste trabalho, vejo M. M.  
quod tunc gesto de sonia*

**instituto de arte contemporânea**

Uma conversa com Iole de Freitas

Sonia Saczstein - O corpo em seu trabalho foi sempre experimentado como um corpo que nasce para dialogar com o ambiente, jamais encerrado num espaço, jamais independente desse ambiente, algo como uma figura narcisista e auto-referencial. Certos procedimentos que você costuma usar, entalando - penso, por exemplo, no gesto penoso e energético da costura, no esforço para domar os materiais e para garantir-lhes algum prumo, ainda que o contrário - as vezes dão a impressão de que o trabalho antagoniza o ambiente, de que ele tem de lutar para aí se instalar. Afinal, como se trata sempre de um corpo percebido em partes (pois o trabalho se constitui numa sucessão de gestos, só interrompidos quando se vislumbra certa estabilidade recalcitrante), não se sabe se é o sofrimento que o fragmenta, ou, se ao contrário, é uma vontade de totalização que o está animando. Não se sabe, enfim, se se trata de um corpo que anseia retornar a uma imaginada integridade primordial ou se é um corpo que está empenhado em projetar-se o tempo todo no espaço real, no espaço social. Que tipo de relação seu trabalho estabelece com o ambiente (entendendo o ambiente, neste caso, como a instância supra-subjetiva deste trabalho, o espaço público, cultural, institucional, econômico e social no qual ele se insere)?

Iole de Freitas - Tenho pensado que o anseio do trabalho é o de que o corpo se projete no espaço social, quer dizer, que encontre uma inteireza, como se fosse um prumo inteiro, para poder dialogar com todas as questões externas, que já então terão sido "internalizadas" por ele - a questão social, a questão ambiental, a questão arquitetônica. Como no início<sup>1</sup> houve um instante muito duro, de fragmentação da própria imagem do corpo, tenho a impressão que isso foi muito marcado em todo o processo. Só tomei consciência dessa fragmentação - que ocorreu de maneira inesperada - depois que os trabalhos foram realizados, porque para mim era uma contradição, se eu buscava a inteireza, como constituía a imagem de um corpo fragmentado. Poucos a questão foi sendo elaborada: a inteireza continuou a ser buscada, mas já tendo atravessado a experiência daquela fragmentação inesperada. Após alguns anos, a escultura, o corpo escultórico foi dialogando com a arquitetura, foi se libertando da questão do gesto, se

<sup>1</sup> Refere-se aos trabalhos realizados no princípio da década de 70, quando a artista residia em Milão. Por essa época Iole utilizava em muitos de seus filmes, fotos e objetos procedimentos de dissociação de imagens (mão por acaso, faces e pernas apareciam em diversos trabalhos), que deveriam ser reintegradas mediante as experiências de duração e de vivência temporal que a obra solicitava.



libertando da questão da referência do corpo humano e foi assumindo um confronto com os espaços arquitetônicos onde ela se instalava; nesse momento teve a impressão de que havia atingido esse ponto de interesse. Mentira, mais uma vez o trabalho se apresentava fragmentado, mesmo que as partes estivessem ali habilmente interligadas, costuradas, criando um todo que se colocava com firmeza no espaço. Em outro momento, a paisagem começou a entrar dentro do espaço, por dentro de chão (como ocorreu na exposição que realizei no Rio de Janeiro em 1997<sup>31</sup>), de tal maneira que o trabalho agora começava a se apoiar pelo chão. Nessa ocasião achei que estava conseguindo criar um todo contínuo, a ideia do "corpo sem órgãos"<sup>32</sup> - o plano das telas rodando sobre si mesmos e garantiam essa qualidade, mas o outro lado da moeda ocorria, porque as ardósias mostravam uma fragmentação violenta. Isso era através da fragmentação que essas formas voláteis se estalavam no espaço real... Então, parece que o trabalho tem mesmo de lidar com a fragmentação, apesar de toda a vontade dirigida à busca de um corpo íntegro e pleno.

Sônia - Em todo caso, que eu quis marcar com essa pergunta foi justamente a disposição do trabalho para se colocar em relação com o ambiente, que pensa logo em termos das interpretações que o vecinário absorve numa experiência cotidiana, que tomam o procedimento da costura como sutileza, que esboçam o lado traumático desse corpo e que assim acabam por reduzi-lo a uma afecção psicológica. Numa direção inversa, pretendi apontar a afirmativa e construtiva do trabalho, mostrar essa imaginação como uma imaginação construtiva, pois este mostrar-se a si mesmo é o modo de ocupar o ambiente, e experimentá-lo de todos os modos, desde que possa preservar sua lógica de funcionamento. Mas acho que seria preciso discutir mais a fundo que tipo de relação está, que faz o trabalho querer instalar-se, ver-se acolhido nesse espaço, que seu que por isto uma mão de seu próprio regime de funcionamento se desregula, "dancante" e digressivo. Cabe então perguntar: o espaço afinal para o seu trabalho? É o espaço natural e expressivo? Mas neste caso você teria de admitir que o trabalho estaria se debatendo com seus limites, limites fortes perante o espaço social. Ou se trataria do espaço social, conforme você já me apontou, de modo que o trabalho se constituiria no entrecruzamento das instâncias desse espaço social - institucional, econômica, pública etc.

Jole - Exatamente. Creio que vai mais nessa direção.

<sup>31</sup> Refere-se aos trabalhos realizados para a mostra "VVVVKKKK" no Museu Telles de Araripe, em Winnipeg, em 1997. Erani esculturas que privilegiavam as articulações de superfície.

<sup>32</sup> "Corpo sem órgãos" é o título dado pela artista a uma das esculturas que apresentou pela primeira vez na mostra "VVVVKKKK", apresentada em 1997 (1) na Casa das Rosas, em São Paulo. A expressão remete à ideia de subordinação e de comparabilidade entre o "dentro" e o "fora", recorrentes em toda sua obra.

Instituto de arte contemporânea

1993 /

31

2



# Instituto de arte contemporânea

Sonia - Admitto que o trabalho que lida com a questão do corpo está profundamente ligado aos temas problemáticos, ambíguos, que separam a noção de público e privado na vida contemporânea, gostaria que você comentasse como seu trabalho percebe essa questão. A minha impressão é que a questão da privacidade afirmativa que o trabalho demonstra no enfrentamento com seu ambiente, ele tenta oferecer uma estética de privacidade, ou melhor, parece-me que o trabalho substancial do seu trabalho é justamente o de afirmar o domínio da esfera de privacidade num mundo que embaça e confunde uma vez mais essas duas instâncias do público e do privado.

João - Sobre essa questão do privado e fundamental dentro de um trabalho de arte a diferença que eu percebo é que não é necessário o sujeito ter uma vida picaresca, psicológica, para fazer uma obra. Esse trabalho de arte tem horas que fica muito difícil de ser pensada e trabalhada nas questões contemporâneas, porque a questão do entendimento da vida como valor fica ligada à questão da personalidade, dos aspectos psicológicos da obra e eu tenho a sensação de que a gente busca e exageradamente o gosto, trazer todo o universo de uma individualidade, buscando nesse universo através da linguagem plástica, um elemento que seja de comunicação, que seja comum às outras pessoas, a tantos outros personagens, a outras instâncias, e do saber, há que buscar dentro da pesquisa de linguagem algo que obviamente está relacionado a determinadas questões de individualidade, mas são pessoas que tem um ser profundo, do que se trata. Dessa maneira acho que a ideia do privado, do pessoal, é muito importante, mas acho que a ideia local, a ideia que você quer ser percebido pelo público através do que é estético, é o que se trata de sua linguagem plástica.

EXACERBADO

UM  
/ EXACERBADO

dimensão

/ DIMENSÃO

Sonia - Você acha que não houve um suposto estímulo a partir do trabalho, embora este não se manifeste de modo explícito, como uma condição problemática, sempre tensionada, que tenta existir, que tenta a dissolvê-la, e banalizá-la por meio de essas questões psicológicas. Mas acho difícil pensar que o trabalho se desenvolva em condições de uma vida subjetiva mais emancipada, que não se relacione ao por aí lido com as manifestações no gesto, mas que se desenvolva no enfrentamento com uma situação anônima, com um princípio "externo", coercitivo. Que situação é esta? É uma situação de instância pública que desde o modernismo não cessou de ser discutida no cenário, e que foi profundamente redefinida desde a segunda metade do século a ascensão de uma cultura publicitária que tendeu a desmanchar cada vez mais os limites entre público e privado tal como a modernidade do século XI nos concebiam.

João - Nesse sentido, acho que o movimento do trabalho é não negar a



e acima de tudo, acredito

# instituto de arte contemporânea







# instituto de arte contemporânea

...trabalho que ele oferece o trabalho não adia...

...não se pode... Como já comentamos, os... que dialogavam... um enfrentamento a... se mantêm ao espaço; seu... as vezes... a capacidade que o ambiente...

...o modo como o trabalho... não se tenta modificá-lo, faz isto como que... as leis internas (assim como a ordem... da inserção da arte no... do trabalho de Capela de Morumbi (1991) já... de pensar na destinação... uma interação... como se fosse necessário uma... para que o trabalho pudesse banquear a...

...instalação na escadaria do Paço... não é?

...agora não mais...

...trabalho... do corpo. Aquela... universo muito... "do vazio" da... no espaço...

...que não se... em... a mesma... uma... um contínuo espaço... os resultados... a circunstância vai lhe oferecendo... soluções encontrando soluções...

...trabalho, a esta altura, não pode ser muito... Não adianta pegar planta, porque... de uma espécie de... impossível seguir momentos, por mais... uma questão de...



# instituto de arte contemporânea

Nos parócos? sim, com o governo americano que eu não vou. Aqui não, um desenho de trabalho.

... não é? ... planejamento, ... cada vez mais ... em escala ... estrutural do que ... discussão sobre o coeficiente de ... desse domínio ... em que se insere...

... questão da "reserva" me parece pertinente. Não se ... atitude tímida do trabalho. É como se ... para poder se instalar em ... de mais ... profundamente ligado à ... face cultural ou ... garantir a ... da ... segundo ... variedade de ... e que o ... e arquitetônica ... trabalho atual ... superfícies mais ... é como se a ... elementos ... sendo ... evoluir ... decisões vão ... o sitio. ... o trabalho. ... a questão da ... como uma paisagem pelas áreas de equilíbrio ...

... A ... mais recentes e interessantes ... sobre as ... sendo pontos de ...

... trabalho ... a ... a ...



# instituto de arte contemporânea



...do interior das pressiona um ar  
...estas paredes transparentes sejam expelidas  
...pode-se dizer que o ar integra  
...até quase desmanchar sua  
...adesão entre suas partes, entre esses  
...entre esses planos, os volumes  
...plano sobre o espaço.

...isto foi nesta exposição da

# Instituto de arte contemporânea